

CORPOS BRINCANTES, CAMINHADA FESTIVA E OUTRAS INVENTAÇÕES POSSÍVEIS NA FESTA DE SÃO MARÇAL EM SÃO LUÍS, MA
Playful bodies, playful walking and other possible inventions at the São Marçal festivity in São Luís, MA

Danielle Souza¹

RESUMO

O texto busca promover um diálogo sobre o corpo brincante, festivo e caminhante, presente na Festa de São Marçal ou Encontro dos Bois, como também é conhecida a festa que acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo, em São Luís, Maranhão. A festa, que reúne os Bois do sotaque de Matraca, acontece em formato de cortejo, onde os brincantes se deslocam pela principal avenida do bairro. A discussão realizada diz respeito de como a caminhada reinventa modos de existências, sobretudo como os corpos experimentam o espaço público cidadão, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas, criação nômade e geração de outros mundos possíveis. Para trilhar essa proposta, foi convocada a Etnocenologia, área das etnociências interessada nas artes do corpo e do espetáculo, como campo de saber que respeita as especificidades existentes nos fenômenos culturais.

Palavras-chave: Cortejo. Bumba Meu Boi. Modos de existir. Espetacularidades.

ABSTRACT

The text intend to promote a dialogue about the playful, festive and walking body present at São Marçal Festival or “Encontro dos Bois”, as the party is also known, that takes place annually on June 30th, in the João Paulo neighborhood, in São Luís, Maranhão. The festival, which brings together the Matraca accent, takes place in the form of a procession or cortege, where the players move along the main avenue of the neighborhood. The discussion carried out concerns how walking reinvents modes of existence, especially how bodies experience the city’s public space, making the festive landscape a space for affective exchanges, nomadic creation and the generation of other possible worlds. To follow this proposal, Ethnocenology was called, an area of ethnosciences interested in the arts of the body and the spectacle, as a field of knowledge that respects the specificities existing in cultural phenomena.

Keywords: Procession. Bumba Meu Boi. Ways of existing. Spectacularities.

¹ Doutora em Artes pela Universidade Federal do Pará. Professora de Arte da rede estadual do Maranhão-SEDUC. danielle.fonseca@prof.edu.ma.gov.br.
✉ Rua P, s.n., Radional, São Luís, MA. 65047-620.

INTRODUÇÃO

O Bumba meu boi maranhense é uma prática espetacular bastante festejada, principalmente, no período junino. E recebe esse nome genérico por conter, como elemento principal, um boi a partir do qual toda a trama desenvolve-se. Ao seu redor, pessoas que chamam a si mesmas de brincantes, juntam-se para cantar-dançar-batucar (LIGIÉRO, 2011) e praticar demais verbos festivos que compõem a gramática relacional da brincadeira².

A dinâmica festiva de brincar o Boi maranhense faz parte de uma dimensão muito simbólica, lúdica, religiosa e ritualista. Pertencente a esse contexto, a Festa de São Marçal é uma celebração praticada como reunião de grupos de Bumba meu boi de Matraca. Em média, 25 grupos comparecem à festa anualmente, que começa na alvorada do dia 30 de junho e não tem hora certa para acabar, invadindo a madrugada do dia seguinte.

Foi nesta paisagem³ que meu interesse pelo corpo brincante foi provocado, expressando o brincar como motor de criação e existência festiva. Foi revelador para esta pesquisa poder observar tais possibilidades inventivas de perto, impulsionando minhas caminhadas a conhecer um pouco mais das experiências coletivas existentes na festa.

2 No Maranhão, o Bumba meu boi é conhecido por algumas denominações, na presente pesquisa utilizaremos os termos: Bumba meu boi, Bumba boi, Boi e brincadeira como equivalentes e em concordância com as pessoas do universo pesquisado que utilizam essas expressões para nomear o que fazem.

3 Ressalto que a dinâmica festiva etnografada é anterior ao período pandêmico deflagrado no Brasil a partir de março de 2020.

Sob esse aspecto, o presente texto é um exercício de deambulação pela paisagem festiva⁴ de São Marçal a partir de uma leitura da festa, que foi sendo “construída como um ponto de vista em movimento e imersa nas dinâmicas do território” (CARERI, 2017, p. 18). Todavia, esta escrita não dá conta do campo de experiência, inventividade e afetação em que a Festa de São Marçal potencialmente se transforma no dia de 30 de junho.

A FESTA DE SÃO MARÇAL E SUA POÉTICA ERRANTE: DINÂMICAS, COMPOSIÇÕES E POLÍTICAS DO SENSÍVEL

O calendário junino maranhense é composto de várias festividades. Cada uma tem seu repertório e carrega modos de festejar singulares, o que aponta para aspectos ritualísticos específicos, assim como simbologias e comportamentos próprios. Em geral, as festas juninas no estado são celebrações dedicadas aos santos católicos – São João, São Pedro e São Marçal⁵. Sob esse aporte, a cidade de São Luís transforma-se em um imenso arraial junino a céu aberto, atraindo um público diversificado, curioso e interessado pela polissemia cultural que passa a encantar as ruas, bairros e demais locais, a partir da segunda quinzena do mês de junho.

4 A noção de paisagem é um conceito polissêmico, tanto às artes quanto à geografia, assim como outras áreas comuns, buscam dialogar e compreender as múltiplas relações com o espaço construído e vivido. Neste artigo, a ideia de paisagem festiva, em resumo, deriva do conceito de paisagem como produção cultural dos sujeitos em relação. Nesse sentido, assumo este caminho por entender que o espaço festivo de São Marçal é carregado de sentidos, conflitos e afetividades. Dada a sua dinâmica não é possível ver a profusão de corpos caminhantes como uma imagem panorâmica, estática e ilustrativa. Portanto, a paisagem festiva aqui pensada não caracteriza-se apenas ao que é visto e apreendido pelo olhar, e sim ao que é “percebido através da atuação conjunta dos sentidos dos corpos” (MIRANDA, 2015, p. 20).

5 Este não é considerado santo pela Igreja católica. No entanto, sua inclusão com os demais santos ocorre pela dinâmica devocional que é a ele atribuída pelo catolicismo popular fortemente vivido na capital.

Corpos brincantes, caminhada festiva e outras inventações possíveis na Festa de São Marçal em São Luís, MA
Danielle Souza

A respeito da Festa de São Marçal, sua dinâmica celebrativa aponta algumas diferenciações no que tange às demais festividades juninas. A mais visível delas refere-se à sua configuração celebrativa que acontece em formato de cortejo. Nele, os brincantes caminham pela principal avenida do bairro João Paulo. Nessa ambiência, a caminhada é que dita o tempo da experiência festiva, da ação duracional do encontro coletivo. Para mim, caminhar pela festa foi garantia, em muitos aspectos, de partilhas marcantes e inusitadas na superfície aberta a acontecimentos que é o espaço público.

Portanto, neste texto, a caminhada será tratada como procedimento experimental e de compreensão da movência festiva, afinal, foi pela caminhada que conheci a Festa de São Marçal. Tal particularidade, tão relevante, traz ainda o caminhar como articulador de espaço, criador de lugares e de ações poéticas, que dá outras modulações ao fluxo da cidade, dando novos sentidos e novas experiências ao caminhante, gerando intensificações sensíveis e espetaculares de intensa vivência urbana, geradas no espaço da rua.

Outra questão relevante, diz respeito da estreita ligação da Festa com os Bois do sotaque de Matraca. O Bumba meu boi de Matraca é proveniente da região metropolitana de São Luís⁶, precisamente, e a maioria, da “zona rural de São Luís, de Paço do Lumiar e São José de Ribamar” (IPHAN, 2011, p. 98). A respeito dos que organizam e vivenciam a brincadeira do Bumba meu boi, em geral, são de várias partes da região metropolitana, residindo em bairros periféricos, ou, quando não, em áreas rurais.

Nesse sentido, a prática espetacular do Bumba meu boi de Matraca é realizada e mantida, em maior parte, por grupos sociais vulneráveis economicamente. São homens e mulheres, geralmente pessoas negras, que trabalham em subempregos ou que encontram-se em situação de

6 O Boi de Matraca também é conhecido pelo nome de Boi da Ilha.



Figura 1 – Caminhada festiva
Fonte: D. Souza, 2018.

desemprego. Diante desse cenário, formas de enfrentamento das desigualdades sociais são recriadas constantemente, sendo que uma dessas mobilizações, a meu ver, pode ser exemplificada no âmbito cultural pela existência da brincadeira do Boi.

Partindo desse entendimento, brincar o Bumba meu boi pode ser lido como expressão de um universo singular, que traz internamente cosmovisões que revelam o modo como o grupo social em questão vê, compreende e dá sentido ao mundo. As relações sociais assentadas, nesse processo, destacam pontos importantes, um deles é a presença de barreiras simbólicas e físicas que impediram, por muito tempo, a brincadeira de circular livremente no espaço público.

A pesquisadora Maria Michol de Carvalhob (1995, p. 37) apresenta um pouco desse contexto, cujo interesse maior, tinha como premissa o domínio sistemático do Bumba meu boi, pois

era visto pelas autoridades como baderna, atentado à ordem pública, daí as perseguições e proibições sofridas por essa manifestação. O seu caráter de sátira e de reivindicação era difícil de ser tolerado ou permitido, pois trazia à tona as contradições presentes na realidade brasileira.

Pelo que foi dito nessa breve passagem, os modos de existência experimentados pelos brincantes foram permeados por intensa criminalização de seus plurisaberes e fazeres, principalmente por contrariar as percepções de mundo dos regimes de verdades únicas coloniais. No entanto, como demonstra a autora, os grupos de Bois utilizavam de algumas táticas para não sucumbir a esse contexto de silenciamento e violência deflagrada, revelando situações que os brincantes travavam e resistiam duramente em seus cotidianos e, que, infelizmente, ainda, são vivenciadas.

Diante da conjuntura descrita, o Encontro dos Bois de Matraca no bairro do João Paulo é um acontecimento representativo desse contexto histórico, uma atividade cultural inseparável de troca e compartilhamento no território do João Paulo. Festejar no bairro faz referência às vivências dos grupos de Boi e sua relação com as medidas repressivas da polícia e tecnologias de controle do estado. Isso porque a dinâmica proibitiva, sofrida e duramente combatida pelos grupos, estava deveras ligada ao processo de urbanização da capital, uma vez que o João (o bairro), era uma localidade tida como periférica e próxima do Centro da cidade, reduto da elite ludovicense. Em outros termos, o João Paulo era a zona limítrofe permitida para brincar-se.

Botar o Boi na rua evidencia a condição social da brincadeira. Tal questão, compreendo ser relevante discutir por situar as expressões poéticas como testemunhas das construções sociais e políticas

vividas. A apresentação inicial desse contexto serve para localizar a conjuntura vivida pela brincadeira do Boi no espaço público de São Luís. Assim como, apresentar e refletir partes do universo complexo e coletivo repleto de significações, rituais, ancestralidade, saberes e fazeres.

A partir dessas reflexões, considero a festa como espaço para as ações micropolíticas em resposta às relações de poder estabelecidas. Portanto, interessa investigar como os brincantes e demais participantes da festa subvertiam a lógica hegemônica de apreensão do espaço público, deflagrando o praticar a cidade como geração de lugares possíveis de invenção e a festa como forma de reflexão a respeito da cidade.

Com essa conclusão, avanço rumo a outro percurso, não muito distante deste, cujo desejo relaciona-se sobre as poéticas criadas pelo corpo brincante, abordando também as dinâmicas relacionais do encontro, troca e das vivências no espaço público. Assim como, as vontades festivas e demais enredos passíveis de criação na paisagem e tempo espiralar do João Paulo, entre outros tantos fenômenos espetaculares que ali ocorriam, o que significava uma forma específica de agitar, de movimentar no e com o mundo.

AS ESPETACULARIDADES DO CORPO BRINCANTE: CAMINHADAS INVENTADAS E OUTRAS DESLOCAÇÕES

Os corpos dessa caminhada são inventivos, desviantes e múltiplos. São corpos brincantes em festa que percorrem caminhos e na imprevisibilidade do instante deflagram o compartilhamento do acontecimento vivido na rua, no estar junto no aqui e agora. Com base nesse contexto expressivo, busquei por cruzamentos epistêmicos que dialogassem com a dinâmica partilhada na Festa de São Marçal.

Para trilhar essa proposta, adicionei no meu caminho investigativo a Etnocenologia⁷ e seu interesse nas artes do corpo e dos espetáculos. Essa nova etnociência busca articular e dialogar com outros sentidos de mundo, fugindo, ao máximo, de visões totalizantes e suas percepções reduzidas. A espetacularidade, citada no título dessa seção, é um dos pilares etnocenológico e é aqui compreendida como “a organização de ações e do espaço em função de atrair-se e prender-se a atenção e o olhar de parte das pessoas envolvidas” (BIÃO, 2009, p. 35-36). Para o professor Armindo Bião (2009), a espetacularidade designa um modo de ação e participação social, evidenciando também o caráter estético da expressão humana em situações extracotidianas coletivamente organizadas.

De acordo essa compreensão, a Etnocenologia mira o fenômeno em suas singularidades poéticas, presentes nas festas, rituais, comemorações e outros aspectos da vida social. Isto demonstra que parte significativa das reflexões se propõe a compreender as dinâmicas e seus contextos elaborativos, colocando, em evidência, os modos de produzir estéticas a partir dos praticantes, reforçando a presença da alteridade como acontecimento espetacular indispensável.

Isto coloca em evidência o respeito às distintas alteridades que caminham na Festa de São Marçal. Significa também o momento de exercitar uma abertura para e com o outro, e, de alguma forma, no outro. Reflete ainda o convite que opera para modos de aproximação dos mais variados, misturando-se com vários corpos que caminham juntos, compostos de adversidades e conflitos. Tal olhar múltiplo, que materializa-se como imagem da experiência festiva, decorre

⁷ A proposição conceitual que culminou na criação da Etnocenologia surgiu em 1995, na França, com um grupo de pesquisadores que estudava as manifestações espetaculares das mais variadas culturas, evitando o uso da abordagem eurocêntrica nas pesquisas desenvolvidas. Integravam o grupo Jean Duvignaud, Chérif Khzanadar, Jean-Marie Pradier e demais pesquisadores.

do “prisma da valorização de cada fenômeno espetacular sem visar a identificação de um conjunto de princípios universais” (BIÃO, 2007, p. 25).

Tal perspectiva transdisciplinar tem movimentado esta escrita com sua abordagem mais mole e permeável. Ela evoca uma grafia de pesquisa maleável, capaz de provocar diversas ranhuras e texturas como sinais de uma escrita mais sensorial, como expressões das práticas de caminhabilidades que transmutam a festa em um território fértil para germinação de novas experiências coletivas.

Portanto, a Etnocenologia encontra-se ancorada também nas dinâmicas relacionais do encontro, de um corpo em suas interações com outros corpos sensíveis e, portanto, políticos. Por pensar assim, proponho o exercício de mover questões, gestos e sentidos acerca do termo corpo brincante, no intuito de alargar, dobrar e experimentar essas duas palavras que quando combinadas podem conjurar novos modos de pensar, dizer e fazer festivos.

Brincante, palavra derivada do verbo brincar. No âmbito da pesquisa, o campo inventivo da festa deflagra a atratividade da palavra brincante com outras ações, como: o andar, o correr, o cruzar, a dançar, a girar, a percorrer, a parar e a atravessar dentre outras movimentações possíveis. É caminhando que brinca-se dentro da ambiência festiva de São Marçal. Brincante, neste trabalho, evoca a vibração da palavra, geradora de espetacularidades, suas fricções e ecos. Festa como força motriz que impulsiona o corpo brincante e que articula acontecimentos, fazendo dele campo de ruminações, experimentações e descobertas. Brincante também é palavra que interroga, sem ponto de interrogação, os diversos modos inventados de experimentar a Festa de São Marçal.

Brincante puxa o movimento para si, mas não o restringe, convida e devolve, expande. É brincar entre, brincar com, brincar a partir e

Corpos brincantes, caminhada festiva e outras inventações possíveis na Festa de São Marçal em São Luís, MA

Danielle Souza



Figura 2 – O boi e o miolo em ação
Fonte: D. Souza, 2016.



Figura 3 – Pai Francisco e Catirina do Boi do Maiobão
Fonte: D. Souza, 2015.



Figura 4 – Vaqueiro mirim vigiando o boi
Fonte: D. Souza, 2016.



Figura 5 – Bailado das índias
Fonte: D. Souza, 2016.



Figura 6 – Cabloco de fita
Fonte: Thiago Ramos, 2018.



Figura 7 – A dança do cabloco de pena
Fonte: Thiago Ramos, 2018.

brincar em si. Nesse sentido, a pesquisadora e brincante, Juliana Manhães (2010, p. 3), ajudou-me a compreender que

o corpo brincante responde a diversos estímulos do jogo e do ritual. É um corpo que se move na espontaneidade da brincadeira, embalado pelos sons dos tambores e canções que pontuam as pulsações dos movimentos, com uma percussão que dita o ritmo do pé no chão. Podemos pensar nesse corpo como estrutura física, que se locomove com os pés no chão, criando uma espécie de enraizamento, relação intensa com o solo ou como um corpo o afetivo que acolhe memórias, trazendo marcas da natureza simbólica, expressando sua experiência enquanto ser humano, a partir de sua movimentação corporal e desenvolvendo uma linguagem específica.

Seguindo esses princípios, a intenção aqui não foi a de criar uma noção de corpo, pelo fato de já existir na paisagem festiva e caminhante de São Marçal. O que desejo ressaltar são os repertórios, conjurações, gestos e poéticas, expressadas no corpo brincante, suas partituras de saberes e conhecimentos. No contexto da pesquisa, o nome evocado, corpo brincante, fala de um corpo potente, cuja presença vivencia – dentre outras implicações, a partir do borramento do regime da política de tempo contemporâneo – o outro tempo que a festa coloca para experimentação.

Essa questão aponta para a existência de outras formas de vivenciar o tempo, afastadas das relações econômicas e afins, incluindo a desaceleração ou rompimento com a lógica produtiva e hegemônica, como modo de explorar o movimento do tempo em sua potencialidade. Isto expressa como a experiência temporal pode ser vislumbrada como vivências que se “processam pelo



Figura 8 – Marca as horas, só não o tempo
Fonte: Thiago Ramos, 2019.

corpo, alinhadas e compostas por outras percepções que no e pelo corpo as traduzem” (MARTINS, 2021, p. 32).

Com sua pesquisa e prática baseadas no tempo espiralar, Leda Maria Martins (2021) destaca, com muita propriedade, seu olhar poetizado e político acerca do corpo, advindo das culturas predominantemente orais e gestuais. Para ela, a partir de seus estudos e observações sobre alguns grupos étnicos africanos e afro-brasileiros, sua pesquisa assegura que nessas expressões “o corpo é, por excelência, local e ambiente da memória” (MARTINS, 2021, p. 89). Desse modo, a memória é coletivamente vivida e renovada a cada ciclo.

Com base nessa citação, posso estabelecer, sem dúvida, uma proximidade com as corporeidades e os discursos, presentes na

manifestação do Bumba meu boi maranhense. As múltiplas falas, atitudes, ações são anunciadas pelos brincantes que conjugam modos e expressões em que o corpo assume uma centralidade simbólica, ritual e espetacular importante.

A partir da concepção, apresentada por Leda Martins (2021), essas culturas relacionam-se com o tempo espiralar mais intensamente e de uma forma diferenciada da cronologia linear. Esse entendimento destaca a movimentação que curva-se, oscila e manifesta na existência de um tempo de ordenações outras, cíclicas. São elas vividas corporalmente por meio das trajetórias plurais das pessoas e de suas imersões nas manifestações culturais e os saberes e fazeres compõem uma temporalidade constituída de experiências que constantemente são pensadas, moduladas e organizadas.

Nesse entendimento, o corpo brincante e festivo de São Marçal, que caminha, dança, improvisa, cruza, para, toca, encosta e gira – dentre outros estados de presença – traz em si uma energia movente, cuja temporalidade espiralar foi experimentada continuamente em sua diversidade. Sua dinâmica de transformação e renovação são ordenamentos que incidem a partir das relações sociais e culturais mantidas, operadas e experimentadas dentro do contexto simbólico e da pluriversalidade do Bumba boi.

Vale enfatizar, ainda, que o corpo brincante do Bumba meu boi é um corpo acumulado de dias de outras festas, há outras somas que existem em sua epiderme festiva. Corpo que pulsa, cambaleia e que inventa combinações estabelecidas no aqui-agora. Onde novas potências do agir acontecem, movimentando um novo habitar, produzindo uma espécie de caminhadas inventadas, no caso específico de São Marçal. E segue resistindo em seu deslocamento, movendo mundos sensíveis de forma intensa, poética e política.

Diante das considerações já postas, as próximas páginas são lançadas como uma possibilidade de conhecer mais detalhes e aspectos do que acontece no chão potencialmente criativo do João

Corpos brincantes, caminhada festiva e outras inventações possíveis na Festa de São Marçal em São Luís, MA
Danielle Souza

Paulo. A esse respeito, considere importante tratar dos formatos inventivos, táteis, caminhantes e poéticos cotejados pelos brincantes no decorrer da travessia festiva.

INVENTAÇÕES POSSÍVEIS E SUAS EXISTÊNCIAS SUBVERSIVAS: A FORÇA VITAL DOS ARRUAMENTOS

A rua experimentada no dia 30 do mês de junho explode em formas de celebração da vida, movida pelas subversões da lógica que age em direção ao controle dos corpos brincantes. Como resposta, atos como desviar e escapar são contracondutas que rasuram a topografia da rua tensionada do acontecimento festivo, disparando modos de operar lugares possíveis de invenção. Os tipos de interações estabelecidas resultam em ocorrências sensíveis, fundando repertórios de existências que, segundo o historiador Luiz Simas (2019, p. 13), “ousaram inventar a vida na fresta”.

Diante do entendimento da rua como desafiadora do padrão normativo, meu interesse ocorreu pelo desejo e necessidade epistêmica pelos atritamentos, que implicou em mapear algumas estratégias altamente negociáveis. Principalmente quanto ao modo como foram assumidas e acabaram por criar manobras contrárias aos movimentos tragáveis das narrativas dominantes. Ações que mostraram movimentos de dribles em potencial. No entanto, as sabedorias paridas na experiência rueira e suas produções disruptivas, que fazem as insurreições circularem no campo das micropolíticas, só são perceptíveis, como menciona Wanderson Flor do Nascimento (2020, p. 9), para quem

aprende a olhar de soslaio e deslizar, gingar pelas frestas de um pensamento que não se pretende grande, mas que reconhece que toco pequeno é que arranca a unha colonial que endurece nosso pensamento e nossa maneira de buscar jeitos próprios de caminhar.

Ao trazer a figura do olhar de soslaio, expressão muito presente em conversas informais, o filósofo a coloca como tática de observação. Nessa



Figura 9 – Ativando a micropolítica do chão
Fonte: Thiago Ramos, 2018.

acepção, designa aquele olhar discreto que mira o campo periférico da visão. Seu interesse joga com a disposição do olhar de borda, indicando deslocamentos oculares para alargar o conceito do ver. Esse tipo de enxergamento, alerta Flor do Nascimento (2020, p. 9), “nos ensina e nos coloca à espreita por uma aprendizagem sempre aberta”. O olhar de soslaio amplia o gesto de aproximação para a abertura, para experimentar as miudezas, assim como ressalta as micropolíticas encravadas na superfície do espaço público.

A ocupação do espaço público atesta como as dinâmicas descoladas dos discursos hegemônicos atuam nas frestas da cidade. Os fluxos dessas narrativas acionam gatilhos em direção ao embrutecimento da vida urbana e

Corpos brincantes, caminhada festiva e outras inventações possíveis na Festa de São Marçal em São Luís, MA
Danielle Souza

da experiência festiva, sendo essas duas potentes forças de laboração para imaginar cotidianos, instaurar festas.

Isso ocorre principalmente no atual contexto de desmantelamento massivo do estado democrático brasileiro, nutrido pelo avanço exponencial do conservadorismo como postura política e existencial. Como resposta, muitos levantes têm se construíram como estratégia para barrar práticas neoliberais que vêm ameaçando o imaginário, corpos, subjetividades e experiências que desejam “liquidar as pulsões festeiras e potencialmente subversivas da rua” (SIMAS, 2019, p. 99).

A rua, nessa vivência, tem sofrido com processos de gentrificação, apagamento e degradação, associado ao contexto de violência e abandono crescentes. Por outro lado, a rua conhecida como acolhedora das diferenças, por produzir dissensos e demais transgressões necessárias, dispara insurgências sensíveis como experiência urbana.

As insurgências são discutidas aqui como práticas que visavam reagir à nociva ideia de despotencialização da vida, confrontos que anunciam a busca da defesa da força vital como sobre(vivência), sobretudo, as ações vividas no campo da micropolítica. A esse respeito, em seus estudos sobre o campo micropolítico, a psicanalista e crítica cultural Suely Rolnik (2019) destaca a necessidade e urgência em pensar na esfera da produção de políticas de subjetividades específicas do atual contexto brasileiro.

Tal situação, em curso, agrava interditos altamente nocivos, praticados também em escala mundial. Impede melhorias na esfera social e opera rupturas em conquistas democráticas empreitadas em décadas anteriores, como no caso do Brasil e de outros países da América latina, por exemplo. Nesse fenômeno, as estratégias do poder concentram-se em interesses específicos, sendo essencial compreender que ambos, neoliberalismo e neoconservadorismo, integram a mesma lógica vigente do regime colonial e capitalista que “atravessa toda [a] história, variando apenas suas modalidades junto com suas transmutações e suas formas de abuso da força vital de criação e cooperação” (ROLNIK, 2019, p. 36).

Se antes o capitalismo estava interessado na força de trabalho para consolidar suas demandas financeiras, nas últimas décadas o esforço concentra-se nos modos de exploração da vida. Frente a isso, Suely Rolnik (2019) nomeia essa fase, observando os mecanismos adotados para o sequestro da força vital, de “inconsciente colonial-capitalístico”. Tal estágio carrega uma produção de subjetividades, cujo objetivo é expropriar a potência da vida, em que habita a força reativa, que produz “uma vida genérica, vida mínima, vida estéril, mísera vida” (ROLNIK, 2019, p. 77).

Segundo Rolnik (2019) é na esfera micropolítica que algo é passível de mudanças. Um campo pleno de possíveis, onde podemos reivindicar a urgência para agir diante das situações alojadas em nós a partir de política de subjetivação que aprecie a condição vivente. Uma micropolítica ativa localiza-se na esfera íntima, no campo subjetivo, nas questões



Figura 10 – Encontros
Fonte: Thiago Ramos, 2019.

cotidianas e pode ser praticada no campo coletivo. Nesse caso, o contexto festivo também colaborou na construção de outros mundos, ideia defendida nesta investigação.

Considero que a Festa de São Marçal dialoga, reflete e aponta o contexto de inventação e experimentação política, estética e existencial como iniciativa festiva de avivar pessoas. Com essa intenção, a festa foi discutida a partir de sua criação para intensificar desejos e querências, a fim de minimizar os efeitos perversos do inconsciente colonial cafetinístico.

Continuo o diálogo com Suely Rolnik (2009), especialmente a partir do uso do termo cafetinagem para nomear a fase atual do regime capitalista financeirizado e neoliberal. A autora aponta seu emprego devido “a frequência de vibração de seus efeitos em nossos corpos” (ROLNIK, 2019, p. 32), cuja consequência tem sido a instalação de um estado despoticizador orientado pela produção de políticas de subjetividade determinada pela força hegemônica instituinte.

Atenta à cafetinagem da vida, defendo sem romantismos e idealizações, ações, desejos e práticas de insurgências, como condição absolutamente necessária para a transgressão do regime de verdade mantido pelo colonialismo, que pode ser manifestado, por exemplo, no sequestro diário da nossa força vital. A partir desse estado de coisa, segurei, então, a passos firmes, para defender a Festa de São Marçal como possibilidade de liberação, mesmo que breve, da cafetinagem.

Compreende, desse modo, a superfície da rua como local agregador dos mais diversos e contraditórios modos e posturas que nela habita, por ser inerente a esse espaço. Ao estar na rua, os passantes, ficantes e descuidistas, como evocou Hélio Oiticica⁸, ativam uma forma de vínculo, encontrada nas narrativas contra hegemônicas, que busca

⁸ Termos retirados do Programa Ambiental, 1966.

desmantelar as falas únicas e reivindica o acolhimento das diferenças como arranjo constituinte da experiência urbana.

Por outro lado, nas cidades contemporâneas o que tem-se visto e praticado é um afastamento do convívio com as diferenças como princípio elaborado na ambiência da rua. Atualmente, o convívio é uma distância calculada e projetada, pensada e traçada para apartar as possibilidades de encontros presenciais, do corpo a corpo⁹. A outridade, em muitos casos, passa a ser um contato, mediado apenas pelas redes sociais, por ser visto como encontro seguro e efetivo.

Nesse contexto, é estabelecida uma conectividade determinada por um tipo de relação que vive criando ausências. Sob esse aspecto, aciono a fala do líder indígena Ailton Krenak (2019, p. 26), em seu livro-manifesto “Ideias para adiar o fim do mundo” que alerta, de forma geral, que

nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido de experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta e faz chover.

Uma dessas constelações, citadas por Ailton Krenak (2019), pode ser imaginada-localizada na Festa de São Marçal. A partir da metáfora proposta pelo ambientalista, lanço um movimento de transmutação, ou seja, de praticar a constelação como uma forma singular de inversão e estampar-tocar o chão da festa, como céu possível. Essa situação opera a partir de zonas de transcrição de uma imagem, descoladas da ideia convencional de representação gráfica de um lugar.

⁹ A reflexão está assentada em questões anteriores à instauração do contexto pandêmico.

Além disso, fui inventariando um mapa-constelação do chão, uma interseção potente que cintilava as passagens, iluminando os encontros e lampejando as encruzilhadas. Nesse horizonte, a experiência urbana a partir das reflexões trazidas pela imagem de Ailton Krenak (2019) funcionou como um desenho locacional de outras superfícies caminháveis, que destacavam experiências e movências de um território espetacular, movente e afetivo.

A escrita do pensador indígena evocou questões alarmantes do nosso tempo, principalmente a ideia de humanidade, como algo separado da natureza, que tem se intensificado ultimamente. Apesar da reflexão, trazida pelo livro citado, ser anterior à instauração do contexto pandêmico, a fala de Krenak (2019), como ambientalista, escritor, indígena e habitante da região do rio Doce, em Minas Gerais, – que ‘sofreu’ um dos maiores crimes ambientais do país e que sabe muito bem dos impactos e efeitos da ação humana predatória na terra – já evidenciava uma conjuntura crítica que a cada dia vinha ganhando contornos mais definidos, impactando fortemente a crise planetária.

Ailton Krenak (2019), em sua preocupação constante com os rumos da política ambiental, dialoga e toca em fatos que apontam para as urgências do agora, acentuada pelo momento pós-viral. Essas inquietações oferecem a possibilidade de se pensar, mesmo que de forma inicial, nessa escritura, no estado de alerta que a vida em sua dimensão vital e ampla – caracterizada pela integração interespecies, incluindo os seres humanos e seres animais – foi ameaçada de forma brutal e impetuosa por essa crise.

Com essa postura, outras camadas de entendimento foram surgindo, por abordarem temas fundantes de grande importância, que podem ajudar a desenfrear, mesmo em escala micro, a degradação ambiental em curso, partindo de mudanças de posturas simples e

individuais. Assim, convida o ambientalista, é preciso assumir uma “coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida” (KRENAK, 2019, p. 50).

Nessa complexidade atual, o cenário preocupante é também capaz de instaurar uma espécie de laboratório criativo de fazer o impossível, em que aconteçam muitas invenções não capturáveis. Nesses termos, dada as circunstâncias distópicas encontradas, em meio à brutalidade da vida, o homem tem caminhado de forma predatória e desastrosa em seus deslocamentos sobre o planeta. E, mais uma vez, Ailton Krenak (2020, p. 114) alerta que é preciso tocar os pés suavemente no chão durante a caminhada. Isto significa tatear o chão levemente para evitar “um pisar duro sobre a Terra”.

Atravessada pelo gesto de tocar o solo de modo respeitoso, proponho o deslocamento para discutir a terra, com ‘t’ minúsculo, em sua dimensão micro. Essa questão permite abertura para pensar o chão como estrutura de experimentações caminhantes em seus toques diversos, que povoam o caminho revelado a partir dos gestos encarnados e vitais em diversas frentes, direções, permanências, linhas de errância.

Essa postura está ancorada no entendimento importante ao pensar nos variados “sentidos associados ao chão, em suas dobras semânticas com solo/terra/piso. Seja em termos científicos, seja em termos poéticos e/ou míticos. Seja como superfície, seja como corpo que age, reage, vive, morre e guarda memória” (CALAFATE; NOBRE, 2021, n.p.).

Foi nesse sentido anunciado que considere o chão como arquivos, repousos, fluxos, trocas, memórias, soterramentos e silêncios. Tudo no plural mesmo. Isso permite o abrir de caminhos para a compreensão de uma topografia, marcada pelas relações do corpo com o chão caminhável. Em outras palavras, pode ser compreendido

Corpos brincantes, caminhada festiva e outras inventações possíveis na Festa de São Marçal em São Luís, MA
Danielle Souza

também como estrutura que dá suporte ao deslocamento, dispositivo essencialmente relacional e que afeta o corpo pela dinâmica do caminho. Nessa circunstância, “o corpo se junta à terra que ele pisa. E progressivamente, dessa maneira, ele não está mais na paisagem: **ele é a paisagem**” (GROS, 2010, p. 89, destaques no original).

No dia da Festa de São Marçal, o chão torna-se superfície espetacular. Sua extensão territorial acolhe trânsitos ritualísticos múltiplos, que acontecem no caminho linear e nos encontros com as encruzilhadas. A todo tempo essas espacialidades estão sendo reinventadas a partir da mobilidade a pé, permitindo a elaboração de repertórios que desenham na pele do chão uma intensidade diferente e mais relacional, visto que é no chão da rua que a festa pulsa, sem divisões entre brincantes, participantes e observadores.

Tal ideia fez emergir a imagem do chão como um tipo de palimpsesto escrito e reescrito a cada passo dado, contendo narrativas acumuladas e sobrepostas por inúmeros pés, que subvertem a lógica mercadológica da mobilidade, onde o interesse manifestava-se em ativar o chão de modo respeitoso e afetivo a partir de uma presença movida pela existência urbana, tão importante de ser vivenciada atualmente.

A partir das considerações descritas, a experiência da Festa de São Marçal alimentava-se e ocorria pelo e no movimento, o caminhar. Nessa comunhão, entre caminhada e festa, os gestos corporais indicavam vestígios e rastros das apropriações ocorridas nos espaços públicos percorridos. Eles apontavam também para os encontros desacelerados com o outro, como uma espécie de jogo, dado seu caráter lúdico, em que os passos fundavam, por sua vez, novos desenhos urbanos a favor da ocupação das ruas, pelo interesse do fazer vivo desses acontecimentos experimentados coletivamente.



Figura 11 – Pele-chão-chão-pele
Fonte: D. Souza, 2018.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Festa de São Marçal apresenta uma paisagem imersiva potencialmente instigante, com inúmeras possibilidades investigativas que habitam as curvas, encruzilhadas e o chão poroso do João Paulo. Diante da ambiência festiva, procurei discutir acerca das existências que caminham em São Marçal, apresentando também algumas situações vividas e experiências compartilhadas no território afetivo-movente.

Por isso, convoquei, neste texto, o ato de caminhar como modo de aproximação acerca dos lugares possíveis de invenção, das vontades festivas e demais enredos passíveis de criação entre os corpos brincantes na paisagem do bairro João Paulo. Foram encontros que evidenciaram o território festivo compartilhado

Corpos brincantes, caminhada festiva e outras inventações possíveis na Festa de São Marçal em São Luís, MA
Danielle Souza

e a instauração de uma lógica que deflagrou o tempo e espaço espiralar do caminhar junto, com seu ritmo e cadência próprios, entre outros tantos fenômenos espetaculares que ali ocorreram.

Finalizando, corpo brincante, neste estudo, é uma proposição estética, política e espetacular derivada de uma perspectiva transdisciplinar, especialmente das anotações das caminhadas e das imersões errantes, que compreendem as produções estéticas dentro do contexto cultural da brincadeira; que renova-se e reformula-se continuamente, a partir das temporadas juninas e, especificamente da Festa de São Marçal. ○

REFERÊNCIAS

- BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Salvador: P&G, 2009.
- BIÃO, Armindo. Um trajeto, muitos projetos. In: BIÃO, Armindo (org.). **Artes do corpo e do espetáculo**: questões de etnocenologia. Salvador: P&A, 2007. p. 21-42.
- CALAFATE, Caio; NOBRE, Ana Luiza. Ciclo de estudos Sentidos do chão. **Material de divulgação**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, PUC-Rio. Disponível em <http://www.dau.puc-rio.br/?=391>. Acesso em: 30 de maio de 2021.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Editoria Gustavo Gili, 2017.
- CARVALHO, Maria Michol P. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba-meu-boi do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1995.
- FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Das filosofias vagabundas. In: SIMAS, Luis; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças**: uma filosofia popular brasileira. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020.
- GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. **Dossiê do registro como patrimônio cultural do Brasil**. São Luís: Iphan/MA, 2011.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LIGIÉRO, Zeca. Batucar-cantar-dançar: desenhos das performances africanas no Brasil. **Aletria-Revistas de estudos da Literatura**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, 2011.
- MANHÃES, Juliana. A performance do corpo brincante. **Anais...** Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 6, 2010, Porto Alegre. Disponível em: www.portalabrace.org/.../estudosperformance. Acesso em: 19 ago. 2020.
- MARTINS, Leda. **Performance do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MIRANDA, Thalita Xavier Garrido. **O poeta, a cidade e o desassossego**: percepção espacial e paisagem na prosa poética de Fernando Pessoa. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**. São Paulo: Editora n-1, 2019.
- SIMAS, Luiz. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Submetido em agosto de 2022.

Revisado em janeiro de 2023.

Aceito em março de 2023.